

‘Na escola havia intérprete’

6.2.1 Construções com predicados locativos e construções existenciais

De acordo com Dryer (2007), construções com predicado locativo e construções existenciais caracterizam-se como categorias distintas de orações em muitas línguas do mundo. As com predicado locativo indicam a existência de algo em algum lugar, enquanto que as existenciais firmam-se como tal por evidenciar a própria existência de alguma entidade.

Observe-se nos exemplos em (79), da Ma’anyan, uma língua austronésia falada em Kalimantan, na Indonésia. Exemplos de Dryer (2007, p. 240):

(79) a. *inehni naqan hang sungking*

mother be.at at kitchen

‘a mãe dele está na cozinha’

b. *naqan erang kaulun wawey mawiney hang tumpuk yeruq*

be.at/exist one CLSFR woman beautiful at village the

‘havia uma linda mulher na vila’

c. *sadiq naqan tumpuk eteqen*

olden.time exist village Eteen

‘era uma vez havia uma vila chamada Eteen’

As construções em (79) envolvem o verbo *naqan* ‘estar em, existir’. Na construção (79a), a expressão tema⁴⁸ *inehni* ‘a mãe dele’ se vincula a uma expressão locativa *hang sungking* ‘na cozinha’ através do verbo *naqan*. Dryer (2007) explica que neste caso o verbo *naqan* pode ser considerado uma cópula locativa exatamente por ligar uma expressão que denota alguma coisa para a qual uma locação é atribuída (expressão tema) a um predicado não verbal que consiste de uma expressão locativa.

Em (79b), de forma semelhante ao que ocorre em (79a), o verbo *naqan* relaciona a expressão tema *erang kaulun wawey mawiney* ‘uma linda mulher’ a uma expressão que

⁴⁸ *Tema* é um fenômeno do nível interacional e é “aquilo de que se fala; aquilo a que se predica”, o seu complemento é o *rema* que é “o que se diz do tema; o que se predica ao tema” (NEVES, 2006, P. 38).

denota locação *hang tumpuk yeruq* ‘na vila’. Dessa forma, as construções em (79a) e (79b) se caracterizam como construções com predicados locativos, pois envolvem a existência de algo em algum lugar. No exemplo em (79c), diferentemente do que acontece nas duas primeiras amostras, a construção apenas indica a existência de alguma coisa e por isso se caracteriza como construção existencial.

Nas construções em (79a) e (79b), por exemplo, os participantes (aqueles de quem se fala) são claramente expressos em posição que precede o verbo, *inehni* ‘mãe dele’ (79a) e em posição posterior a ele, *erang kaulun wawey mawiney* ‘uma linda mulher’ (79b). Dryer (2007) explica que, no caso de (79a), a expressão tema ocupa uma posição comumente preenchida pelo sujeito em Ma’anyan, enquanto que em (79b) a expressão tema segue o verbo, posição em que o sujeito normalmente não é encontrado nessa língua. Nestes exemplos, o verbo *naqan* (estar em, existir) se caracteriza como uma cópula locativa.

Dryer (2007) define cópula como formas, na maioria verbos, utilizadas com predicados não verbais. Segundo este autor, em algumas línguas, determinados verbos que assumem a função de cópula são gramaticalizados de outros verbos com significados mais específicos. Este autor esclarece ainda que é possível encontrar línguas em que a cópula pode ser não verbal. Givón (2001) complementa que as sentenças copulativas são constituídas por um sujeito e predicado, em que o sujeito se apresenta em estado paciente e o predicado pode ser tanto um nome quanto um adjetivo.

A esta altura seguiremos buscando uma abordagem que não remeta a um compromisso com este ou aquele papel sintático. Por esta razão, usaremos a expressão ‘sujeito nocional’ para remeter ao tema ou ao ponto de partida de uma cadeia causal, nos termos de Langacker (2008). Reservaremos a discussão sobre o status de ‘sujeito’ enquanto papel sintático para uma ocasião posterior, na medida em que os critérios internos da LSB forem se evidenciando.

Dryer (2007) chama a atenção para o fato de que a construção em (79b) pode ser caracterizada como construção com predicado locativo e construção existencial ao mesmo tempo. Isso ocorre porque na Ma’anyan não é incomum o uso de um mesmo item para uma série de funções que incluem tanto a cópula locativa como uma palavra existencial. Este autor esclarece ainda que

Do ponto de vista discursivo, a função primária das construções [(79b) e (79c)] é aparentemente introduzir no discurso um participante que é novo para o interlocutor. O contraste entre [(79a)] e [(79b)] corresponde a uma diferença pragmática de identificabilidade e, portanto a uma diferença

gramatical de definitividade no Inglês. O exemplo em [(79a)] não indica o estado de existência da mãe; ele é presumivelmente pressuposto. Nesse sentido, o exemplo em [(79a)] não é realmente existencial⁴⁹ (DRYER, 2007, p. 241).

Na LSB, a diferença entre essas duas categorias de construções pode ser marcada pelos sinais ‘ter’ e ‘vida/viver’, em que o primeiro sinal marca as construções com predicados locativos e o segundo, as construções existenciais.

No exemplo em (77), retomado a seguir como (80), observa-se que as construções envolvem o ‘ter’ (estar em, existir) e expressão locativa ‘faculdade dentro’ (na faculdade) que se vincula a uma expressão tema ‘intérprete’ (intérprete) através do sinal ‘ter’.

(80)



(80a)
FACULDADE



(80b)
DENTRO



(80c)
TER



(80d)
INTÉRPRETE
intérprete-REFER

‘Na faculdade havia intérprete.’

No exemplo em (81), apesar de não se ter um referente humano, a construção segue um mesmo padrão de distribuição de itens que se verifica em (80), isto é, sinal que indica lugar ‘IX<Rio Verde>’ (81a) e expressão tema ‘LSB’ (81c), os quais ocupam as extremidades da construção e são ligados pelo sinal ‘ter’.

⁴⁹ No original: From a discourse point of view, the primary function of such clauses is apparently to introduce into the discourse a participant that is new to the hearer. The contrast between [(79a)] and [(79b)] thus corresponds to a pragmatic difference of identifiability, and hence to a grammatical difference in definiteness in English. The example in [(79a)] does not state the existence of the mother; this is presumably presupposed. In that sense, the example in [(79a)] is not really existential.

(81)



(81a)

IX<Rio Verde>
Rio Verde-LOC



(81b)

TER



(81c)

LSB
LSB-REFER

‘Em Rio Verde havia LSB (lit. Rio Verde [EXIST] LSB)’

Na concepção da Linguística Cognitiva de Langacker (2008), temos nas amostras (80) e (81), entidades/coisas que estão “interconectadas” de maneira que se apresentam enlaçadas umas às outras por algum tipo de operação mental – observação direta. Em ambos os casos, o ‘ter’ representa o item que codifica tais relações. Isso significa que o ‘ter’ descreve a relação que existe entre as entidades envolvidas.

Nos dados da LSB, ilustrados em (78), (80) e (81), observa-se que as expressões tema, mais precisamente, as entidades das quais se fala, em ambos os casos, aparecem em posição posterior ao ‘ter’. Este, por sua vez, parece desempenhar função semelhante à do verbo *naqan* ‘estar, existir’ em Ma’anyan. Isso indica que o ‘ter’, em construções com predicados locativos na LSB, possivelmente seja uma cópula, assim como ocorre com o verbo *naqan*.

Por outro lado, as construções existenciais na LSB se caracterizam pelo uso do sinal ‘vida/viver’, o qual evidencia a existência de entidade humana, sem necessariamente envolver uma locação. Ou melhor, a locação se trata de uma informação subjacente, conforme se observa no exemplo (75), retomado a seguir como (82).

(82)



(82a)
INTÉRPRETE
intérprete-REFER



(82b)
VIDA
vida-EXIST



(82c)
ENSINAR

‘Havia o intérprete que ensinava’

Observou-se ainda que, quando a intenção é mencionar a não existência de alguém ou de algo, são empregados os sinais ‘ter-não’ e ‘nada’. Nota-se que o sinal ‘ter-não’ é utilizado independentemente de o referente da construção ser humano ou não. Observe-se o exemplo em (83).

(83)



(83a)
SURD@
surdo-REFER



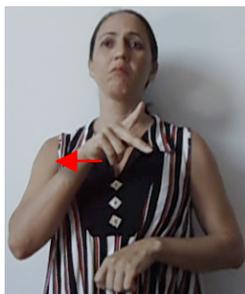
(83b)
TER-NÃO
EXIST-NEG

‘Não havia surdo’

Em (83), o sinal ‘ter-não’ (83b) aparece em posição posterior ao referente.

No exemplo (84), o sinal ‘nada’ (84b) também aparece em posição posterior ao referente.

(84)



(84a)
PROFESSOR/A
professor/a-REFER



(84b)
NADA
EXIST-NEG

‘Não havia professor’

Nos exemplos (83) e (84) as construções seguem um mesmo padrão de distribuição de itens, em que o sinal que indica a não existência aparece em posição posterior ao referente. Essa distribuição relativa dos termos envolvidos também é compartilhada por aquelas construções em que ocorre o sinal ‘vida/viver’ com sentido existencial. Estas três se diferenciam daquelas em que o sinal ‘ter’ ocorre anteposto ao referente.

Não encontramos nos dados desta pesquisa nenhuma construção existencial negativa utilizando o sinal ‘vida’ acrescido de outro sinal e/ou expressão que remeta à ideia de negação, mesmo quando se trata de construções com referente humano.

Na seção a seguir, explicitaremos como o movimento daqueles sinais que codificam uma entidade se diferencia do movimento presente nos sinais que remetem a um processo/evento/estado. Nestes, o movimento é predominantemente primário, mais amplo de modo a expressar a dinamicidade do evento, enquanto que naqueles o movimento tende a ser secundário, interno, propondo uma descrição icônica ou simbólica da entidade.

6.3 Construções do tipo C

As construções apresentadas nesta seção envolvem predicções nocionalmente verbais e, por conseguinte, sinais que corresponderiam aos verbos do PB. Observa-se que a dinamicidade, traço semântico prototípico desses itens conceituais, é representada por movimentos que configuram o estado de coisas descrito na predicação. Considere-se o exemplo (85).

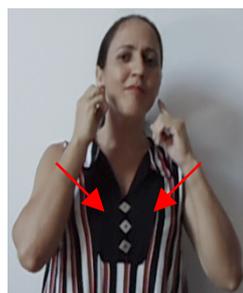
(85)



(85a)
IX<1>
1 SG-REFER



(85b)
ANDAR



(85c)
APARELHO AUDITIVO



(85d)
RETIRAR

‘Eu saía e retirava o aparelho auditivo’

Em (85), os sinais ‘andar’(85b) e ‘retirar’(85d) apresentam características distintas. As diferenças entre estes itens conceituais na LSB parecem ser motivadas pela relação de dependência existente entre o sinal que codifica uma entidade e o sinal que codifica a dinamicidade do evento em que participa tal entidade.

O sinal ‘andar’(85b), presente na primeira proposição [eu andei], representa o caminhar de uma entidade humana. O sinal consiste de configuração de mão em U, palma para dentro, os dedos indicador e médio friccionando um contra o outro, com um movimento direcional que descreve a dinamicidade do evento.

Em ‘retirar’ (85d), presente na segunda proposição [eu retiro o aparelho auditivo], observa-se também que as características internas deste sinal são determinadas pela natureza da entidade codificada na expressão rema, neste caso, uma entidade inanimada, ‘aparelho auditivo’.

Em suma, no primeiro padrão, a natureza visual da entidade determina a natureza visual do movimento, sendo que a execução do movimento está sujeita à forma que a entidade tem⁵⁰ (como em ‘andar’, em que os dedos representam as pernas em movimento; ou ‘tomar café’, em que a configuração da mão representa uma xícara sendo levada à altura da boca). No segundo, a natureza visual da entidade é independente da natureza do movimento (como em ‘tirar aparelho auditivo’, ‘passar roupa’, em que a representação formal do aparelho auditivo e da roupa se dá à parte do movimento, em sequência).

Em ambos os casos, os itens que codificam a entidade e aqueles que codificam o evento em si são ao mesmo tempo específicos e interligados: o modo de representar um humano andando é formalmente diferente do modo de se representar um hipopótamo

⁵⁰ Quadros e Karnopp (2004) analisam este tipo de co-ocorrência como incorporação nominal.

andando. E, em ambos os casos, a representação do andar compartilha características tais como o movimento e a direcionalidade, que remetem ao traço semântico de dinamicidade. Observe-se o exemplo adicional em (86).

(86)



‘Eu nasci em João Pessoa.’

Na construção (86), a forma do sinal ‘nascir’ (86b) é determinada pela natureza do referente codificado pela expressão tema. Observe-se que ‘nascir’ descreve o percurso de alguém em certa posição, saindo por uma via em posição abaixo àquela em que se encontrava. Este sinal descreve, portanto, o parto de uma entidade gerada no útero.

É interessante observar que, para as entidades que não são geradas no útero, a forma do sinal ‘nascir’ será diferente daquela observada no exemplo anterior (como é o caso de ‘[uma ave] nascir’).

Na base de dados, há poucos exemplos do segundo tipo mencionado anteriormente, em que entidade e evento co-ocorrem, mas não se integram num único sinal. Por esta razão, uma discussão mais aprofundada desse padrão necessariamente requer a coleta de novos dados e, por conseguinte, não poderá ser desenvolvida aqui.

Por outro lado, este fato talvez seja indicativo de uma tendência presente na língua, de se representar noções dinâmicas através de sinais dinâmicos, que envolvem movimentos amplos e mais livres. Observem-se os exemplos ilustrados em (57) e (58), retomados a seguir como (87) e (88).

(87) QUEBRAR A PERNA



(87a)

(87b)

Em (87), o sinal ‘quebrar a perna’ descreve entidade e evento de forma simultânea, sendo a entidade apresentada, demonstrando-se em seguida o que ocorre com ela no evento. Em (87a), o sinalizante representa as pernas, através dos dedos indicador e médio da mão direita; e em (87b), descreve o que ocorre com uma das pernas. É o movimento, justamente, o que indica o quebrar-se da perna.

No sinal ‘passar batom’ (88), de forma semelhante ao que ocorre no exemplo (87), entidade e evento são descritos ao mesmo tempo. A configuração de mão sugere um batom entre os dedos do sinalizante (88a), seguido de um movimento que sugere a cena do cosmético sendo espalhado nos lábios (88b).

(88)



(88a)

(88b)

PASSAR BATOM

Um fato interessante de se observar, nos exemplos (87) e (88), é que a entidade está presente no sinal que codifica o evento.

Em relação ao exemplo (85), pensando-se em uma ordem relativa de constituintes, a entidade se apresenta em posição inicial, seguida da representação do evento, embora pareçam ser itens indissociáveis [‘aparelho auditivo’ (85c) e ‘tirar’ (85d)]. Esta observação sugere que a representação do evento em muitos casos depende da natureza e forma da

entidade que participa nele; ou seja, primeiro é necessário que se defina a entidade para então representar o evento.

Por outro lado, há construções em que a forma dos sinais que nocionalmente codificam Verbos não depende da natureza ou forma da entidade. Contraste-se aquilo que se observou nos exemplos (85-88) com o exemplo (89).

(89)



(89a)
IX<1>
1 SG-REFER



(89b)
IR-EMBORA



(89c)
VOLTAR



(89d) R
Rio Verde-LOC



(89e) V
Rio Verde-LOC

‘Eu voltei para Rio Verde’

Na construção (89), o marcador pessoal (apontação – elemento dêitico cuja função é referenciar a pessoa no discurso) aparece em posição inicial da construção (89a), enquanto na posição final aparece um referente locativo (89d e 89e), ‘Rio Verde’. Entre os dois referentes há os sinais que codificam evento/ação envolvendo movimento: ‘ir-embora’ (89b), ‘voltar’ (89c). Estes sinais não focalizam o participante do evento, mas o movimento em si.

A construção em (90) apresenta a mesma ordem de distribuição de constituintes observada no exemplo em (89): o elemento pronominal no início (90a) e o referente locativo no final (90d).

(90)



(90a)
IX<1>
1 sg-REFER



(90b)
ESTUDAR



(90c)
OUTRA



(90d)
CIDADE
cidade-LOC

‘Eu estudava em outra cidade’

Nos exemplos em (89) e (90), observa-se que a forma dos sinais expressando noções verbais parece independente na natureza da entidade a que se refere. Nestas construções, a expressão tema geralmente aparece em posição inicial, seguida pela rema.

6.4 Considerações

A partir dos dados discutidos neste capítulo, verificou-se que um primeiro critério para a identificação de um contraste entre noções verbais e nominais, na LSB, foi o traço semântico de dinamicidade, que separa eventos/ações, dinâmicos, de entidades/estados, mais estáveis no tempo.

Essa distinção estabeleceu duas categorias preliminares, para fins de análise. Notou-se que os sinais que descrevem entidades/estados⁵¹ ocorreram em certas construções sintáticas (equativa, inclusiva, existencial, locativa), enquanto que os que descrevem eventos mais dinâmicos ocorreram em outros tipos de construção (predicações verbais de movimento, ‘ir embora’; de ação envolvendo paciente, ‘quebrar perna; passar batom’; de ação envolvendo agente, ‘andar’; ou de evento envolvendo paciente, ‘nascer’). Assim, a noção de dinamicidade parece nos servir para estabelecer uma categorização mais ampla dos sinais – nominais e verbais.

Dentre as construções de natureza semântica mais nominal, observou-se que os traços semânticos ‘humano’, ‘animado’, ‘inanimado’, serviram para identificar uma correlação entre esses tipos de entidades e os tipos de construções sintáticas em que figuram.

Dentre aquelas de natureza semântica mais verbal, observou-se que as predicações que descrevem eventos dinâmicos correlacionam-se com três tipos principais de construção: predicadores em que a representação do evento depende da representação do participante, geralmente, o paciente (‘nascer’, ‘quebrar perna’, ‘passar batom’, ‘andar’); predicadores em que a representação da dinamicidade do evento se dá à parte da representação do participante, geralmente paciente, embora ambos sejam indissociáveis (‘passar roupa’, ‘retirar aparelho auditivo’); predicadores que representam a dinamicidade do evento e que, para isso, independem da representação do participante, geralmente agente (‘ir embora’; ‘voltar’).

⁵¹ Noções situadas no extremo mais “estável” do contínuo da estabilidade temporal proposto por Givón (2001: 54).

A partir dessas observações, podemos concluir, até esta altura da pesquisa, que são critérios relevantes para uma distinção entre Nome e Verbo na LSB: (i) os traços semânticos já mencionados, que os permitem uma caracterização preliminar dessas categorias lexicais; e (ii) a correlação que esses traços estabelecem entre certos sinais e certos tipos de construção. Essas construções, por sua vez, são caracterizadas em termos funcionais como sendo de natureza nominal ou verbal, com base nas observações da tipologia linguística. Isso nos leva a inferir que os itens individuais que compõem cada construção podem ser analisados como pertencendo a uma ou outra categoria maior, conforme a função sintático-pragmática que desempenha na construção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na concepção de Givón (2001), Nome e Verbo são categorias universais e se constituem como as maiores classes lexicais em “todas” as línguas. Nesta pesquisa, objetivou-se observar alguns aspectos cognitivos e comunicativos que nos permitissem identificar as categorias lexicais Nome e Verbo na Língua de Sinais Brasileira.

Vimos na parte inicial que a interação entre pares linguísticos é também uma necessidade humana. Nesse sentido, a linguagem, geralmente manifesta por meio de uma língua, se caracteriza como uma habilidade humana facilitada pela co-evolução desta espécie e da prática linguística.

A partir desse pressuposto, uma língua deve sempre ser analisada tendo-se em consideração sobretudo aspectos cognitivos e culturais. Em relação a Língua de Sinais Brasileira, temos usuários cognitivamente criativos, como os de qualquer outra língua, bem como representantes de uma cultura própria. Estes fatores moldam a língua de sinais em estudo e são extremamente relevantes nas observações de fenômenos linguísticos, como as categorias lexicais Nome e Verbo.

Na perspectiva cognitivo-funcional, abordagem adotada neste trabalho, as categorias Nome e Verbo remetem a padrões conceituais diferentes. Nome recorta (perfila) entidades distintas (humano/não humano, animado/inanimado, espacial/não espacial, temporal/abstrato). Verbo, por sua vez, perfila a interação/processo envolvendo tais entidades.

Verificou-se que o traço semântico da dinamicidade se constitui o primeiro critério para a identificação de um contraste entre as noções verbais e nominais na LSB. Os sinais que descrevem entidades/estados ocorreram em certas construções sintáticas, enquanto que os que descrevem eventos mais dinâmicos ocorreram em outros tipos de construções.

Até o presente estágio da pesquisa, foi possível notar que uma interpretação semântica dos dados é de especial importância para a orientação da análise. As construções analisadas caracterizam-se, em termos funcionais, como sendo de natureza nominal ou verbal, com base nas observações da tipologia lingüística; da mesma forma, na natureza interna de cada uma, certas posições funcionais pedem certos tipos de itens conceituais.

Com base nesses critérios, foi possível alcançar uma identificação preliminar das categorias Nome e Verbo, nos dados da LSB. Mas este estudo é apenas o início, o

estabelecimento de um curso maior de ação destinado a levantar novas evidências internas da língua que apontem para o modo como os seus usuários categorizam o universo.

REFERÊNCIAS

ALBRES, N. A. *Surdos e inclusão educacional*. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2010.

BASILIO, M. *Teoria lexical*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

BERLINCK, R. A.; DUARTE, M. E. L.; OLIVEIRA, M. Predicação. In: KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. *Gramática do português culto falado no Brasil*. vol. 3. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. p. 101 – 188.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Edusp, FNDE-MEC, 2006.

_____. *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira*. 3. ed. vol. II. São Paulo: Edusp, FNDE-MEC, 2008.

CUNHA, K. M. M. B. A estrutura silábica na Língua de Sinais Brasileira. 2011. 181 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. New York: Cambridge University Press, 2004.

CYRINO, S.; NUNES, J.; PAGOTO, E. Complementação. In: KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. *Gramática do português culto falado no Brasil*. vol. 3. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. p. 47 – 96.

DIXON, R. M. W. *Where have all the adjectives gone?* *Studies in Language* 1, 1977. p. 19 - 80. [Reprinted in R. M. W. Dixon, *Where have the Adjectives Gone and Other Essay in Semantics and Syntax*. New York: Mouton, 1981].

DRYER, M. S. Clause types. In: SHOPEN, T. (Ed.). *Language typology and syntactic description*. 2. ed. New York, Cambridge University, 2007. p. 224 – 275.

EDUCAÇÃO, Secretaria Municipal de. *Apostila de LSB: nível II*. Centro de Formação dos Profissionais da Educação. Senador Canedo: [s.e.], 2011.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. 'Interface da Língua de Sinais Brasileira – LSB (variante falada pela comunidade surda de Brasília) com a Língua Portuguesa e suas implicações no ensino de Português, como segunda língua para surdos'. *Pesquisa Linguística*. n 6. Brasília: UnB, 2001.

_____. Representações lexicais na Língua de Sinais Brasileira. Uma proposta lexicográfica. 2009. 290 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Conceptual Integration Networks. *Cognitive Science Society. Multidisciplinary Journal*, vol. 22, n. 2. p. 133-187, April-June, 1998. Disponível em <<http://ssrn.com/abstract=1292966>>. Acesso em: 05 out. 2011.

_____. The Origin of Language as a Product of the Evolution of Modern Cognition. In: LAKS, B.; et. al. (Ed.). *Origin and evolution of languages: approaches, models and paradigms*. Equinox. March 2008. Available at SSRN: <http://ssrn.com/abstract=1556533> (February 21, 2008).

FELIPE, T. A. Por uma tipologia dos Verbos da LSCB. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 7. 1993, Goiânia. *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*, vol. II. Goiânia: Cegraf, 1993. p. 724-743.

_____. A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na Língua de Sinais Brasileira (LSB). 1998. 195 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

_____. Os processos de formação de palavra na LSB. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217, jun. 2006.

_____.; MONTEIRO, M. S. *LSB em contexto: curso básico: livro do professor*. 6. ed. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

FERREIRA-BRITO, L. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FISCHER, S. Verb inflections in American Sign Language and their acquisition by the deaf child. Paper presented at The Winter Meeting of the Linguistic Society of America. [s.l.][s.n.], 1973.

FRIEDMAN, L. *Space, time and person reference in American Sign Language*. *Language*. vol. 51, 1975, p. 940-961.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. vol. I e II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

HALLIDAY, M. A. K. Language Structure and Language Function. In: LYONS, J. (Ed.). *New Horizons in Linguistics*. Harmondsworth: Penguin Books, 1970, p. 140-165.

JOHNSTON, T. *Auslan Dictionary: A Dictionary of the Sign Language of the Australian Deaf Community*. Sydney: Deafness Resources Australia, 1989a.

_____. (Ed.). *Signs of Australia: A New Dictionary of Auslan*. Sydney: North Rocks Press, 1998.

_____.; SCHEMBRI, A. *Australian Sign Language (Auslan): An Introduction to Sign Language Linguistics*. New York: Cambridge University Press, 2007.

KATO, M. A.; MIOTO, C. A arquitetura da gramática. In: KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. *Gramática do português culto falado no Brasil*. vol. 3. Campinas: Editora da Unicamp,

2009. p. 23 – 41.

KEHDI, V. *Morfemas do português*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical Prerequisites*. vol. I, Stanford, California: Stanford University Press, 1987.

_____. *Concept, Image, and Symbol*. The Cognitive Basis of Grammar. Berlin - New York: Mouton de Gruyter, 1990.

_____. *Foundations of Cognitive Grammar*. Descriptive Application. vol. II. Stanford: Stanford University Press, 1991.

_____. *Cognitive grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

LIDELL, S. K. *American Sign Language syntax*. The Hague: Mouton, 1980.

_____. *Grammar, gesture and meaning in American Sign Language*. New York: Cambridge University, 2003.

McCLEARY, L.; VIOTTI, E. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In: LIMA-SALLES, H. M. M. (Org.). *Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007. p. 73-96.

McCLEARY, L.; VIOTTI, E. Língua e gesto em línguas sinalizadas. *Revista de Estudos Linguísticos Veredas*. Juiz de Fora. v. 15, n. 1, p. 289-304, 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/ARTIGO-212.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2011.

MEIER, R. P. Why different, why the same? Explaining effects and non-effects of modality upon linguistic structure in sign a speech. In: MEIER, R. P.; CORMIER K.; QUINTO-POZOS, D. (Org.) *Modality and Structure in Signed and Spoken Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 1-25

MEIR, I.; SANDLER, W. *A Language in Space: the story of Israeli Sign Language*. New York: Taylor & Francis Group, 2008.

MESQUITA, A. C. R. *Categoria preposicional na interlíngua do surdo aprendiz de português (L2)*. 2008. 105 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

NASCIMENTO, C. B. Empréstimos linguísticos do Português na Língua de Sinais Brasileira – LSB: línguas em contato. 2010. 111 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

_____. Alfabeto manual da língua de sinais brasileira (LSB): uma fonte produtiva para importar palavras da língua portuguesa. *Trama*. v. 7, n. 14. [s.l.], 2011. P. 33 – 55. Disponível em <e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/download/5784/4979>. Acesso em: 10 set. 2012.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2007.

OLIVEIRA, C. C. Lexical categories and the status of Descriptives in Apinajé. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 69, n. 3, p. 243-274, jul, 2003.

PADDEN, C. A. Verbs and role-shifting in American Sign Language. In: _____ (Ed.). *Proceedings of the 4th National Symposium on Signing Research and Teaching, Las Vegas, Nevada*. Silver Spring, MD: The National Association of the Deaf, 1986, p. 44-57. Disponível em: <<http://communication.ucsd.edu/cpadden/sites/default/files/Verbs%20and%20Role-Shifting%20in%20ASL.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2011.

_____. Interaction of morphology and syntax in ASL. Garland Outstanding Dissertations in Linguistics. Series 4. New York: Garland Press, 1988.

_____. The relation between space and grammar in ASL verb morphology. In: LUCAS, C. (Ed.). *Proceedings of the Second International Conference on Theoretical Issues in Sign Language Research*. Washington: Gallaudet University, 1990. p. 118-132. Disponível em: <<http://communication.ucsd.edu/cpadding/sites/default/files/relation%20between%20space%20and%20grammar%20in%20asl%20verb%20morphology.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2011.

PAYNE, T. E. *Describing morphosyntax: a guide for field linguistics*. United Kingdom: Cambridge, 1997.

PEREIRA JUNIOR, A. Evolução Humana e Natureza da Linguagem. *Abstracta*. Niterói, v. 3, n. 2. p. 138-161, 2007. Disponível em <http://www.abstracta.pro.br/revista/volume3number2/4_pereira.pdf>. Acesso em: 10 out. 2011.

PERINI, M. A. *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios*. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

PIZZIO, A. L. A Tipologia Linguística e a Língua de Sinais Brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos. 2011. 237 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

QUADROS, R. M. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. Diversidade e unidade nas línguas de sinais: LSB e ASL. In: SKLIAR, C. (Org.). *Atualidade da Educação Bilíngue para Surdos*. vol. 2. Porto Alegre: Mediação, 1999b. p.

_____.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: Estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RIBEIRO, E. R. *Adjectival meanings in Karajá*. Ms., University of Chicago, 2000.

ROSA, M. C. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.

SALLES, H. M. M. L. et al. (Org.). *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. vol. II. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

SUPALLA, T.; NEWPORT, E. How many seats in a chair? The derivation of nouns and verbs in American Sign Language. In P. Siple (Ed.), *Understanding Language through Sign Language Research*. Academic Press. 1978.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. ed. 20. São Paulo: Cultrix, 2000.

SAUTCHUK, I. *Prática de morfossintaxe: como e por que aprender análise (morfo)sintática*. 2. ed. Barueri: Manole, 2010.

SILVA, A. S. Linguagem, Cultura e Cognição, ou a Linguística Cognitiva. In: _____, TORRES, A.; GONÇALVES, M. (Org.). *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. vol. I. Coimbra: Almedina, 2004, p.1-18. Disponível em <http://jcienciascognitivas.home.sapo.pt/05-11_silva.html>. Acesso em: 12 set. 2011.

SILVA, F. I.; REIS, F.; GAUTO, P. R.; SILVA, S. G. L.; PATERNO, U. *Aprendendo LSB como segunda língua: nível básico*. Caderno Pedagógico 1. Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação de Surdos (NEPES): Santa Catarina, 2007.

STOKOE, W. C. *Sign language structure: An outline of the communication systems of the American deaf*. Studies in Linguistics: Occasional Papers, v. 8. Buffalo, NY: Department of Anthropology and Linguistics, University of Buffalo, 1960.

STROBEL, K. L.; FERNANDES, S. *Aspectos linguísticos da Língua de Sinais Brasileira*. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

SUPALLA, T. *Structure and acquisition of verbs of motion in ASL*. Cambridge, MA: MIT Press/Bradford Press, 1986.

TAYLOR, J. R. *Cognitive grammar*. New York: Oxford University Press, 2002.

ZESHAN, U. *Sign language in Indo-Pakistan: a description of a signed language*. Amsterdam: John Benjamins Company, 2000.

ZESHAN, U. Towards a notion of 'word' in sign languages. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (Ed.). *Word: A cross-linguistic typology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 153-179.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-
GRADUAÇÃO**



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Pesquisa: Categorias lexicais na Língua Brasileira de Sinais: Nomes e Verbos

Pesquisador: Hildomar José de Lima

Orientadora: Profa. Dra. Christiane Cunha de Oliveira

DADOS DO PARTICIPANTE

1. Nome: _____

2. Data de nascimento: ____/____/____.

3. Local de nascimento: _____

4. Escolaridade:

() Ensino Fundamental - completo () incompleto ()

() Ensino Médio – completo () incompleto ()

() Ensino Superior – completo () incompleto ()

() Especialista. Curso: _____

() Pós-graduação. Curso: _____

Marque apenas o nível mais alto de escolaridade.

5. Tipo de surdez:

() congênita (pré-lingual, ou seja, antes da aquisição da linguagem)

() adquirida (ocorreu no decorrer da vida, após a aquisição da linguagem)

6. Causa da surdez:

() doença da mãe

() drogas ototóxicas (medicamentos utilizados no ouvido)

() infecções – meningite (), encefalite (), caxumba (), sarampo ()

() outras

7. Utiliza aparelho de amplificação sonora:

() sim () não () outros _____

8. Possui outros familiares surdos:

() sim () não Quem: _____

9. Como se comunica com os familiares:

Língua de Sinais (LIBRAS)

Língua Portuguesa (leitura orofacial e oralização)

Língua Portuguesa (escrita)

gestos

outros _____

10. Com que idade aprendeu a LIBRAS? _____

11. Onde aprendeu a LIBRAS:

em casa

em escola comum

em escola especializada

outro lugar _____

12. A aprendizagem da LIBRAS aconteceu de forma:

tranqüila espontânea forçada

traumática difícil fácil

13. Você se considera fluente na LIBRAS:

sim não

14. Você trabalha:

sim. Onde? _____ Qual sua função? _____

não

15. Como se comunica com os colegas de trabalho:

Língua de Sinais (LIBRAS)

Língua Portuguesa (leitura orofacial e oralização)

Língua Portuguesa (escrita)

gestos

outros _____

16. Já fez terapia com o profissional fonoaudiólogo:

sim. Quanto tempo? _____

não

17. Você considera as terapias com o profissional fonoaudiólogo importantes no processo de comunicação verbal:

sim não

Por que? _____

18. Teve a presença de intérprete de LIBRAS durante toda a vida acadêmica?

() sim () não

19. Relate sua experiência de vida acadêmica, abordando em especial, como você fazia para entender os conteúdos ministrados em sala de aula.

Gostaria de acrescentar alguma informação que não consta no questionário e que julga pertinente?

e-mail: